

RESENHA

A NARRATIVA LOCAL DIANTE DO GRANDE EVENTO

Resenha do livro: PEDREIRA, Flávia de Sá (org). ***Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial***. São Paulo: LCTE, 2019, 340 p.

Delmo de Oliveira Torres Arguelhes¹

Durante séculos, a escrita da história concentrou-se nos grandes eventos políticos – notadamente as guerras, revoluções e dinâmicas do poder instituído – e nas biografias dos assim chamados ‘grandes homens’, esta como preconizava Thomas Carlyle, na obra *Os heróis e o culto dos heróis* (1841). A partir das questões colocadas pela *Escola dos Annales* (1929), na França, outros recortes temáticos ganharam destaque na historiografia, como a sociedade, a economia e as mentalidades. As práticas campesinas no Langedoc durante a Baixa Idade Média, ou a situação da vida do proletariado na Inglaterra da Revolução Industrial, ficaram em evidência. A própria história política podia ser revisitada através da lente das mentalidades, como no exemplar estudo das representações do poder, empreendida por Marc Bloch em *Os reis taumaturgos* (1924). Assim, uma *história vista de baixo* – tomando de empréstimo o termo cunhado por Jim Sharpe (1992: 39) – contribui em larga medida para uma compreensão holística das narrativas sincrônica e diacrônica das experiências humanas.

¹ Doutor em História das Ideias e Historiografia pela Universidade de Brasília (2008). Mestre em História da Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1996). Professor do Programa de Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Violência (Área: Ciência Política) do Centro Universitário Euro-Americano (UniEURO). Membro da Câmara de Assessoramento Técnico Científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF). Avaliador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Consultor Ad Hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Euro-Americano (UniEURO).

A historiografia da II Guerra Mundial (1939-1945) comporta milhares de estudos abrangentes e monográficos, redigidos nas últimas décadas. A partir de uma visão tradicional, a maioria narra as batalhas e os desdobramentos estratégicos e políticos do conflito. No entanto, um conflito não se resume apenas a recontros e cálculos geopolíticos. A guerra imprime marcas indeléveis nas estruturas socioeconômicas dos Estados envolvidos. Tal assertiva é ainda mais válida quando se trata de uma guerra total, a qual foi a prática bélica do evento. Guerras totais significam o uso de todos os recursos nacionais – humanos e manufaturados – dos beligerantes no esforço de guerra. A experiência histórica mostra, empiricamente, os resultados arrasadores de tal expediente. Nesse sentido, os efeitos do acontecimento ‘guerra’ não se limitam aos campos de batalha, quartéis gerais e gabinetes dos homens de Estado. Direta ou indiretamente afetam as populações civis, mesmo que distantes a milhares de quilômetros dos teatros de operações. Um exemplo, dentre inúmeros possíveis, seria a presença dos ‘soldados da borracha’ brasileiros – trabalhadores recrutados em benefício do esforço de guerra aliado – interagindo com as populações locais nas profundezas da selva amazônica. Estas, alheias aos rearranjos do conflito, também sentiram alguns desdobramentos do condicionante² ‘Segunda Guerra Mundial’.

A lente precisa da História Regional, aliada aos métodos e técnicas da História Social, torna possível colocar na trama narrativa histórica os desenvolvimentos do conflito, mesmo em áreas distantes do combate direto, mas que viveram o cotidiano da guerra e sentiram os diversos efeitos da mesma. Esse é precisamente o objetivo da obra em questão, *Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial*, uma coletânea de capítulos, por vários autores, que trazem à luz os efeitos daquela época traumática na região, mas não está

² Preferimos ‘condicionantes’ e ‘desdobramentos’ e não as tradicionais ‘causas’ e ‘consequências’. Do ponto de vista epistemológico, uma ‘causa’ específica implica *necessária e obrigatoriamente* numa ‘consequência’ também específica. Tais categorias funcionam bem nas assim chamadas ciências duras ou exatas. Uma reação química entre ácido e base – à título de exemplo – sempre terá o mesmo resultado, se feita nas mesmas condições, assim como um cálculo algébrico. Portanto, essas categorias são incapazes de comportar a subjetividade da condição humana. ‘Condicionantes’ e ‘desdobramentos’, por sua vez, são mais adequados pelo fato que um condicionante *pode* gerar um leque de desdobramentos possíveis. Se a história fosse, de fato, constituída por causas e consequências, o futuro seria previsível. Para maiores detalhes, ver: Bevir, 2008. Especialmente o capítulo 2.

focado nos acordos entre lideranças políticas ou nas relações interinstitucionais, e sim na vida comum das classes populares, nas dinâmicas urbanas e nas combinações impostas de cima para baixo, como necessidades prementes.

A obra está estruturada em 14 capítulos, recortados por região e por uma temática específica local, durante a primeira metade dos anos 1940. Os objetos de cada capítulo vão desde a reação popular aos ataques de submarinos do Eixo em Aracaju até o conceito de pan-americanismo na imprensa baiana ou entre os intelectuais potiguares. Os autores mostraram, em cada tema em lente, os condicionantes modernizantes da guerra nas estruturas locais. Deste modo, o olhar conservador das camadas altas de Fortaleza (CE), percebeu a modernidade do conflito materializada nas garrafas da refrigerante *Coca-Cola*, além do impacto da presença de soldados estadunidenses na cidade. Os habitantes de diversas capitais nordestinas extravasaram sentimentos reprimidos em vários ataques às casas e comércios de nacionais do Eixo – reais ou imaginários, recém imigrados ou já estabelecidos há várias gerações nos locais.

Entre as dinâmicas locais e a Segunda Grande Guerra, havia também o esforço contínuo do governo federal brasileiro em amealhar dividendos políticos com o conflito. Assim, o potencial de mobilização popular tanto poderia ser conduzido na direção de apelos patrióticos ao Estado, e a uma suposta brasilidade, como também poderia, e foi, usado para dismantelar movimentos reivindicatórios. Estes foram enquadrados como ‘antipatrióticos’ ou motivados por agentes inimigos. A emergência da guerra também serviu de justificativa para que os órgãos repressores do governo brasileiro, notadamente a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), subissem o nível de controle e vigilância impostos à população, no afã de localizar e prender espões e sabotadores. Diversas empresas alemãs, atuantes no território nacional, abasteciam a rede de informações do *III Reich* no Brasil, e, com o desdobramento dos acontecimentos, acabaram por ser nacionalizadas ou mesmo expulsas, como as companhias aéreas germânica e italiana, Condor e Lati, que operavam no Brasil e América do Sul. Os documentos e discursos

produzidos pelo DOPS, sendo alguns produzidos para divulgação pela imprensa, como bem lembra a autora do capítulo, produzia um “efeito verdade” (2019: 81), pois detinha legitimidade para proferir tais discursos. Neste sentido, a guerra se fazia bem mais presente no imaginário social, além de oferecer ao público o assim chamado ‘paradoxo da escolha correta’: “a liberdade de escolher o que quiser, desde que faça a escolha certa” (ŽIŽEK, 2003: 17). Os dois lados em luta estavam colocados, e o lado que detinha a justiça foi explicitado. Em tal dicotomia, os partidários do inimigo deveriam ser caçados sem trégua. Não haveria espaço para posições intermediárias nessa trama narrativa.

Com o pano de fundo estabelecido desde o título, também alguns capítulos do livro se debruçam para questões de êxodo rural e sobrevivência no cotidiano. Em Salvador (BA), a população aumentou consideravelmente durante o período em questão, principalmente por massas de camponeses vindos do interior do estado, fugindo da seca e da miséria. A carestia e inflação decorrentes desse movimento migratório foi acentuada pela guerra. A fundação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), em 1942, auxiliou a minorar, em alguma medida, por ações locais, o problema social. Pensada primeiramente como órgão de assistência social para esposas e filhos de pracinhas, a LBA também agiu em outras frentes. A sessão de Teresina (PI) chegou a oferecer cursos de formação em corte e costura ou enfermagem para mulheres das camadas mais baixas, tanto como parte do esforço de guerra – o que atraía apoio para a iniciativa –, quanto para melhorar a renda das famílias das camadas baixas da sociedade local. Em Natal (RN), as bases aliadas determinaram valorizações e desvalorizações de bairros inteiros, motivando a mobilidade das elites e das classes baixas, entre os mesmos.

Motivado pelo controle nipônico do sudeste asiático e do leste do Oceano Pacífico, a Amazônia brasileira tornou-se o grande fornecedor de borracha para o esforço de guerra aliado. Em muitos estados nordestinos o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) operou para arregimentar mão de obra para a extração de borracha. O público alvo eram justamente os retirantes, camponeses pobres migrantes, fugitivos da seca. Acolhidos em diversos acampamentos, seriam enviados em breve para a

selva, após breve instrução. No entanto, a prática demonstrou ser bem complicada. À medida em que os alojamentos concentravam “massas de homens rudes” (2019: 128), a disciplina era muito problemática. As rebeliões nos acampamentos eram agravadas por tal fato. O motor principal advinha da péssima qualidade da alimentação servida, desde gosto ruim até mesmo a oferta de comida em estado putrefato. Os soldados da borracha, desde o princípio, enfrentaram duras provações. O cotidiano deles no meio da selva seria ainda mais rigoroso. Por fim, apesar da promessa do Estado brasileiro de tratamento equivalente aos soldados da Força Expedicionária, os seringueiros acabaram por enfrentar mais uma decepção. No entanto, isso é outra história.

Em suma, o leitor que se aventurar pelas páginas de *Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial*, terá em mãos uma obra original, bem escrita e instigante. Não apenas representa um avanço no volume factual da historiografia nacional, como também abre portas para novas pesquisas no campo.

Referências adicionais

BEVIR, Mark. (2008). *A lógica da história das ideias*. São Paulo: Edusc.

SHARPE, Jim. (1992). ‘A história vista de baixo’. In: Peter Burke (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, pp. 39-62.

ŽIŽEK, Slavoj. (2003). *Bem-vindo ao deserto do real!* Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo.